

Mocidade Cristã

Ano XVI

Abril a Junho de 1954

Número 63

O Mineiro Moribundo

Perto de algumas minas de ouro na América do Norte, numa casinha, um homem estava morrendo. Era homem terrível, e ainda no leito de morte, era tão bravo que ninguém queria entrar na casinha para ajudá-lo.

Uma senhora crente que morava na vizinhança, ouvindo dêsse caso triste, foi visitar o homem, embora com muito receio. Entrando na casa, ela ofereceu os seus serviços, mas o homem a saudou com muitas imprecações e linguagem terrível. Ela fez limpeza no quarto, pôs alimento perto do doente e arrumou tudo para conforto dêle, sem receber uma palavra de agradecimento. A senhora falou de Deus, mas o homem respondeu com blasfêmias, e quando ela mencionou a mãe e a mulher do homem, êle as amaldiçoou. A senhora saiu triste, mas voltava todos os dias para fazer o mesmo serviço, ainda que o homem não mostrasse gratidão alguma.

Esta senhora costumava orar a Deus com seus filhinhos, antes de se deitarem, e depois das primeiras visitas ao homem doente, orou por êle. Depois de uma semana destas visitas, ficando desanimada, ela não mencionou o nome do homem em oração. Um filhinho, reparando nesta omissão, perguntou a sua mãe: «Por que não fez oração pelo homem ruim hoje?» A senhora demorou em responder e o menino tornou a perguntar: «É porque Deus o tem abandonado?» A senhora respondeu: «Não, Deus não tem abandonado o pobre homem, por-

tanto, eu não devo deixar de pedir-Lhe pela alma dêle». Naquela noite a senhora orou muito pela alma daquele terrível homem tão perto da morte, pensando que êle não estava além do alcance da misericórdia de Deus.

No dia seguinte ela saiu para a casa do doente mais cedo do que o seu costume, não tanto para visitar um homem ruim, senão para ganhar uma alma perdida. No caminho encontrou-se com uma vizinha passeando com sua filhinha que acompanharam a senhora até a casa do moribundo. A menina, que se chamava Maisie, era muito linda, com cabelos louros. Ela ficou perto da casa procurando flores com a sua mãe, quando a outra senhora entrou. Foi saudada com a mesma linguagem de costume, mas agora ela não se importava mais com isso. Enquanto arrumava a casa, a menina fora deu um grito de alegria, achando uma flor bonita. O homem levantou a cabeça rapidamente perguntando: «Quem está lá fora?» A senhora respondeu que era a filha de uma vizinha que viera com ela e que brincava perto da casa. As feições do homem se mudaram e com voz mais terna, pediu: «Pode a menina entrar?» A senhora chamou a Maisie, mas esta, vendo o terrível rosto do homem, recuou. A senhora falou: «Venha, Maisie, não tenha medo, porque o homem está muito doente e quer falar com você». A menina então entrou e, avançando para o doente, estendeu-lhe a mão oferecendo-lhe um ramalhete de flores. Uma lágrima rolou dos olhos do homem e pondo a sua dura mão na terna mãozinha da menina, disse

brandamente: «Eu tinha uma filhinha que se chamava Maisie também, mas morreu». A senhora falou a si mesma: «Agora eu tenho a chave do seu coração». Ela pediu que a menina orasse pelo doente e, ajoelhando-se com a simplicidade que uma criança tem, pediu a Deus que fizesse o homem melhorar e o ajudasse a achar sua menina perdida. Quando Maisie saíra da casa, o homem contou o caso como sua filha falecera e também falou acerca da sua própria vida passada; uma história horrorosa, cheia de crimes. Depois de ele contar esta história medonha, a senhora disse-lhe: «Quando eu falei em sua mãe e sua mulher, você as amaldiçoou, porque eram mulheres más; mas queria você que sua filhinha Maisie crescesse da mesma forma?» «Não, não,» exclamou o homem, «antes prefiro que ela morresse cem vezes.» A senhora respondeu: «Deus, sabendo tudo, não quis que ela seguisse a mesma vida de sua esposa e de sua mãe e, por isso, chamou a filhinha para Si; ali no céu Ele está guardando a Maisie e está querendo que voce vá encontrar-se com ela». A senhora então falou da grande misericórdia de Deus, que era tal que um homem como ele, nas últimas horas de vida, embora com a alma manchada de crimes e mãos manchadas do sangue de seus semelhantes, podia receber perdão, como sua alma podia ser purificada no precioso sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ela contou a história como o Salvador morreu por ele para salvar a sua alma e fazê-la idônea para chegar à Sua presença, onde Maisie já estava. Depois de muita conversa, aquele homem, arrependido dos seus pecados, lançou-se aos pés do Salvador, e recebeu o perdão e a paz. Que transformação se deu naquele homem! A-

té a sua fisionomia se mudou e toda a sua maneira de falar!

Um dia ele pediu-lhe um favor. Queria assistir a uma pregação e pediu que a senhora convidasse todos os seus companheiros para a sua casa, para ouvirem a senhora falar do Evangelho. Ela prometeu, embora com algum receio por não estar acostumada a falar com homens. A casa encheu-se com os companheiros das minas de ouro, homens rudes, mas todos mostraram respeito na presença do seu companheiro moribundo. Quando todos chegaram, a senhora falou do Evangelho e como Deus tinha perdoado o companheiro deles.

Então o doente, fazendo um grande esforço, levantou-se na cama e, em linguagem simples, contou que, como a água lavava o ouro nas caixas, tirando a terra e as pedras, assim o sangue do Salvador, passando sobre a sua alma, tinha tirado seus pecados, e acrescentou: «Vou ver o Homem que morreu por mim; também vou encontrar-me com minha filhinha». Depois da reunião, os homens saíram muito impressionados em silêncio.

Alguns dias depois, um vizinho, entrando na casa, achou o homem já frio; estava morto. O corpo foi enterrado pelos seus companheiros mas a alma, uma vez manchada com crimes terríveis, tinha passado daquela casinha para a presença do Senhor, purificada no sangue do Calvário, e feita mais branca do que a neve.

Nossos Hinos

No hinário «Hinos e Cânticos» há três hinos bem conhecidos pelos leitores:-

(1) Número 390. «Um pendão real vos deu Jesus o Rei», traduzido pelo sr. H. M. Wright.

(2) Número 391, «Jesus é rejeitado, o mundo não O quer», traduzido pelo sr. S. E. McNair.

(3) Número 451, «Chuvas de bênção teremos», traduzido pelo sr. S. L. Ginsburg.

Os hinos originais destas traduções foram escritos em inglês pelo Major Whittle (americano). Há outro hino bem conhecido, pelo mesmo escritor, no assunto da Segunda Vinda do Senhor, mas não está em qualquer hinário português. Fizemos uma tradução que o leitor achará na última página deste número. A música dos quatro hinos foi composta por J. McGranahan, um amigo do Major Whittle. O escritor destes hinos, às vezes, usava o nome-de-pena «El Nathan».

Daniel Webster Whittle nasceu em 1840, nos Estados Unidos e, quando rebentou a Guerra Civil, entrou no exército. Depois da batalha de Vicksburg, na qual ele perdeu o braço direito, foi prêso pelo inimigo. Quando melhorava deste ferimento, descobriu um pequeno Novo Testamento no bolso (pôsto ali por sua mãe) e, pela primeira vez, o abriu e começou a ler. Leu diversas vezes, cada vez mais se interessando pelo livro sagrado. Entendeu a mensagem do Evangelho, mas não rendeu sua alma ao Salvador.

Uma noite, o enfermeiro veio acordá-lo, à meia noite, dizendo-lhe: «Há um rapaz no hospital que está morrendo. Durante horas passadas tem me implorado a que orasse por ele, mas sou homem mau, e não posso orar. Venha comigo, Senhor.» Whittle respondeu: «Eu também não posso orar e nunca orei. Sou tão mau quanto você.» O enfermeiro, admirado, exclamou: «O senhor não pode orar! Quando o vi a ler o Testamento julguei que era homem de oração. Não posso voltar sozinho.

Não pode levantar-se e, ao menos, visitar o rapaz?» Whittle levantou-se e foi com o enfermeiro até onde estava deitado um rapaz louro, de dezessete anos de idade, morrendo. Tinha um olhar triste; agonia intensa se estampava em seu rosto e gritava: «Ora por mim, ora por mim, estou morrendo... Eu era bom rapaz em casa; assistia à escola dominical; mas depois de entrar no exército aprendi maus caminhos. Estou morrendo e não estou preparado para morrer. Oh! pede a Deus que me perdôe! Pede a Cristo que me salve!» Whittle caiu de joelhos; tomou a mão do rapaz e, primeiramente, confessou seus próprios pecados e pediu a Deus lhos perdoasse em nome de Jesus Cristo. Creu que Deus lhe perdou naquele momento. Então orou pelo rapaz, que ficou quieto e apertava a mão de Whittle, enquanto ele rogava a Deus pela alma do moribundo. Quando Whittle se levantou, o rapaz estava morto. O rosto dele se acalmara. O Major tinha certeza que ele morreria salvo pelo sangue de Cristo. Assim o rapaz foi instrumento para trazer Whittle ao Salvador, enquanto este foi usado por Deus na salvação do jovem soldado.

História dos Judeus

Propomos escrever uma série de artigos sobre a história dos judeus no período entre Malaquias e João Batista, um intervalo de 400 anos.

Os escritos principais que tratam destes tempos são os dois livros chamados Macabeus, incluídos entre os Apócrifos; também os escritos do historiador dos judeus, Josefo (A. D. 37-95). Este escreveu «As Guerras dos Judeus» e «As Antiguidades dos Judeus». Há ainda os escritores da história profana (isto é, não-sagrada)

que confirmam os escritos dos judeus.

Malaquias escreveu sua profecia no ano 397 A. C. (antes de Cristo). O templo e a cidade de Jerusalém já tinham sido restaurados havia anos. Os judeus continuavam a gozar de liberdade de culto sob o domínio dos reis da Pérsia. Eles não voltaram à idolatria depois do cativeiro, mas manifestavam vida espiritual decadente, faziam o mínimo possível para observar os sacrifícios e festas. O povo estava em condições idênticas às da Igreja de Laodicéia, descrita em Apoc. 3:15,16,17, satisfeito consigo mesmo. Malaquias foi enviado para repreender-lhe a conduta indiferente. Seria o último dos profetas. Durante 400 anos, até a vinda de João Batista, Deus não lhes enviou outro mensageiro. Podemos chamar este período de «silêncio de Deus».

Apenas uma minoria dos judeus voltara à sua pátria depois dos setenta anos, pois grande número do povo ficou espalhado no império persa. O livro de Ester descreve o modo por que Deus protegia este povo, quando os inimigos queriam destruí-lo.

Outros livros foram escritos no intervalo dos 400 anos, tais como os dois dos Macabeus, que contam a história da grande perseguição dos judeus pelos gregos. Outros, de pouco valor, são Judite e Tobias. Não foram incluídos no cânon dos sagrados escritos. Josefo, o historiador, diz estas palavras: «Desde Artaxerxes até nossos dias, escreveram-se vários livros; mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que os precederam, porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas Escrituras. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram encerradas,

ninguém se atreveu a juntar-lhes ou tirar-lhes uma única sílaba. Desde o dia de seu nascimento, todos os judeus são compelidos, como por instinto, a considerar as Escrituras como o próprio ensinamento de Deus, e ser-lhes fiéis e, se tal fôr necessário, a dar alegremente a sua vida por elas.» Estas palavras são escritas por um judeu ortodoxo, que escreveu a história da sua nação e dos livros do Velho Testamento. Isto prova que seria impossível a um romancista do segundo século antes de Cristo, escrever um livro chamado «Daniel» ou um romance chamado «Jonas», e depois persuadir aos judeus, especialmente, a fiéis sacerdotes como os da família Macabeu, a adotar a falsificação e incluí-la nas santas Escrituras!

Alexandre Magno

Durante o quarto século antes de Cristo, o poder dos gregos aumentou. Também sua rivalidade com os persas. Alexandre Magno com seu exército greco-macedônico, invadiu o império dos persas e, no ano 333 A. C., derrotou o exército persa. Depois de tomar a Síria e a forte cidade de Tiro, o rei avançou na direção de Jerusalém. O Sumo Sacerdote, com seus sacerdotes, todos vestidos com suas vestimentas sagradas, saiu ao encontro do grande rei. O Sumo Sacerdote prometeu a submissão do povo hebreu ao conquistador. Alexandre, muito impressionado com a procissão, e satisfeito em ter uma nação pacífica e amiga na retaguarda, concedeu aos judeus plena liberdade de religião e sua proteção. Quando Alexandre fundou a cidade de Alexandria, como capital do Egito, ele enviou uma colônia de judeus para morar ali, dando-lhes os mesmos privilégios que aos gregos. Esta migração dos judeus para o Egito foi seguida de outras, mais tarde, e exer-

ceu grande influência na história e nos escritos dos judeus, durante os séculos seguintes.

Morte de Alexandre Magno

Alexandre, depois de conquistar a Pérsia e parte da Índia, faleceu no ano 323 A. C., tendo apenas 32 anos de idade. Seu grande império foi dividido entre quatro de seus generais. A Palestina, a princípio, gozou de paz e prosperidade, especialmente sob a administração do Sumo Sacerdote Simão, o Justo, durante vinte anos. Um dos reis, Ptolomeu II, pediu ao Sumo Sacerdote, Eleazar, que enviasse setenta judeus eruditos a Alexandria. Foram, e ali traduziram o Velho Testamento da língua hebraica para o grego, tradução conhecida até hoje com o título de «Setuaginta». Havia já mais de setenta anos que Alexandre Magno transportara a primeira colônia de judeus para Alexandria. A nova geração não sabia a língua hebraica ou aramaica, que os judeus falavam, depois de voltar da Babilônia; mas queriam entender as Escrituras Sagradas, quando lidas aos Sábados. Assim, uma tradução se fazia necessária no país onde a língua falada era a grega. A tradução levou anos a se completar. Os judeus ortodoxos não concordaram em que seus irmãos do Egito traduzissem seus Escritos Sagrados. (a continuar)

Como podeis dividir as três Pessoas da Trindade? Cremos em «Três em Um, e Um em Três». Como podeis na vossa conversão abrir a porta de vosso coração para o Senhor Jesus Cristo entrar (isto é, a Segunda Pessoa da Trindade) e deixar a Terceira Pessoa da Trindade do lado de fora de vosso coração? O Novo Testamento é claríssimo. A única condição para recebermos o Espírito Santo em nosso coração é simplesmente pela fé em Jesus Cristo.

Dois homens passaram juntos, em certa rua, e um disse ao outro: «Aquela é minha casa». Mais dois homens passando na mesma rua, um disse a seu companheiro acerca da mesma casa: «Aquela casa é minha». Ainda mais dois homens passaram na rua e um deles disse: «Vê, esta é minha casa». Todos falaram a verdade. O primeiro construiu a casa, o segundo comprou-a e o terceiro homem morava ali. Pertencemos a Deus, o Pai, por criação; a Cristo, por redenção; e pertencemos ao Espírito Santo por possessão—porque Ele habita em nós.

Thomas B. Rees

Os crentes do Velho e do Novo Testamento foram todos nascidos pelo Espírito na Família de Deus. Mas nós temos alguma coisa que os crentes do Velho Testamento não tinham. Nós somos batizados pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo. Quando alguém vos pergunta: «Recebestes vós o Espírito Santo, quando crestes?» mostra que é ignorante das Santas Escrituras. Fazer esta pergunta equivale a dizer: «Já vos casastes depois do vosso casamento?» Temos recebido o Espírito Santo que Deus nos deu. Fomos nascidos na Família de Deus, fomos batizados pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo, nosso corpo é o templo do Espírito Santo.

Dr. Donald G. Barnhouse

X⁵ O Mistério da Bendita Trindade

Excertos de dois discursos durante a Convenção de Keswick em julho de 1953.

Se Deus o Pai nos criou, e Deus o Filho nos remiu, que faz a Terceira Pessoa—o Espírito Santo? O Espírito quer possuir-nos. Ele deseja entrar nos corações—de homens e mulheres—e possuí-los.

Correspondência

Em algumas revistas o modernismo é tratado como se fôsse novidade inócua. Os escritores fazem caricaturas das opiniões dos fundamentalistas. Dizem que estas pessoas são como os inquisidores e querem torturar e queimar os bons cristãos que não lhes aceitam as interpretações das Escrituras. Os fundamentalistas querem obrigar os modernos Copérnicos a declararem que a terra é chata e não redonda, que o sol gira ao redor do nosso planeta fixo e firme! Não há dúvida em que estes eruditos escritores têm muita satisfação em pensar que estão muito adiantados em inteligência e vastamente superiores a nós fundamentalistas ainda atolados no pântano da ignorância. Eles podem agradecer a Deus por não serem como os demais crentes fanáticos e fundamentalistas que creem na Bíblia de capa a capa!

Há outros crentes que creem nas Escrituras, mas são muito tolerantes, pensando que negar a inspiração da Palavra de Deus é de pouca importância. Os Apóstolos Paulo, Pedro e João, porém, não eram tolerantes para com os críticos da Palavra de Deus.

Reconhecemos que há uma diferença entre a crítica feita à Bíblia, no Brasil, e a que lhe é feita nos Estados Unidos. O «cupim», aqui, está começando, mas lá tem derrubado muitas igrejas. No Brasil a Serpente tem introduzido apenas a primeira dose de veneno: «Tem Deus dito?» — assim lançando dúvida acerca da Palavra de Deus. Nos Estados Unidos muitos pregadores pregam as três mentiras da Serpente abertamente e sem vergonha, isso nos púlpitos metodistas, presbiterianos e batistas. No Brasil há crentes que têm dúvidas acerca da Palavra de Deus, mas ainda acreditam nos fundamentos da

fé cristã. Seria injusto classificar tais cristãos entre os Oxenams, Fosdicks e Mackays dos Estados Unidos.

Sendo assim, a palavra «modernista» deve ser qualificada, ou classificada em ao menos três graus. Deixamos a tarefa a algum perito na língua portuguesa para inventar três títulos para descrever os três graus do modernismo, representados pelas três mentiras da Serpente, o Bacharel, o Mestre e o Doutor de Modernismo.

Perguntas

Pergunta 1. Têm os pormenores da letra da Bíblia importância em relação à observação das cerimônias, como, por exemplo, o costume de dividir o pão antes da Santa Ceia, de encher os copos de vinho, antes das ações de graças, ou a quantidade de água usada no batismo? Não deve a igreja usar seu próprio juízo na celebração dos ritos?

Resposta. Em certas minúcias os cristãos podem usar seu próprio juízo no modo de proceder. Por exemplo: a hora da Santa Ceia, a constituição do pão (com ou sem fermento), e a qualidade da farinha usada. O copo pode conter o suco de uvas sem ser fermentado, embora o álcool tem sua utilidade no caso do cálice comum. No batismo, a água pode ser fria, morna, doce ou salgada, e o rito pode ser celebrado num córrego, tanque, rio, poço ou no mar.

O crente que quer agradar ao Senhor nas pequenas coisas naturalmente deseja observar os pormenores que se encontram na Palavra de Deus. Um pai manda seu filho visitar o rei, a fim de obter um favor dele. Ele explica ao filho exatamente como deve proceder na presença do rei, como curvar-se em sua presença, e a

maneira de cumprimentar sua majestade. Mas o filho acha que tanta cerimônia é desnecessária, e procede segundo seu próprio modo de pensar. O fato de ter ganho o favor que pedira pode ter satisfeito o rapaz, mas o pai, sabendo que não foi obedecido em suas instruções, estaria menos satisfeito.

Está escrito claramente no capítulo dez de 1 Coríntios que o «Partir do Pão» significa união e comunhão. Será que os comungantes querem celebrar o rito num símbolo de divisão! Mas dizem que é mais conveniente quando o pão já está cortado antes da Ceia. Pode ser conveniente desviar da Palavra de Deus mas não é fidelidade à vontade do Senhor. É um fato bem conhecido e provado pela histórica eclesiástica que **uma mudança externa na forma dum rito ou símbolo, gradual e infalivelmente modifica a doutrina simbolizada.**

Recebemos a pergunta: por que é que a Palavra de Deus usa a palavra «copo» em lugar de mencionar o vinho? Se tivesse dito «vinho» a idéia de unidade teria desaparecido. O Novo Testamento menciona o copo umas doze vezes, sempre no singular.

Pergunta 2. Que quer dizer a palavra «prosélito» em Mat. 23:15?

Resposta: Os prosélitos eram gentios convertidos ao judaísmo, alguns por convicção e outros por conveniência. O modo de iniciação era pela circuncisão e pelo rito de batismo (imersão em água). Depois observavam as leis e cerimônias dos judeus e assistiam às festas em Jerusalém (Atos 2:10).

Pergunta 3. Escrevendo-nos acerca do artigo no número 61, sobre «A ORAÇÃO», um leitor refere-se ao fato que o Senhor Jesus chamou Seu Pai: «Senhor do céu e da terra».

Resposta. Não dissemos que o Pai não é Senhor de tudo, mas o artigo trata da oração dirigida a Deus, o Pai, e ao Filho de maneira apropriada. O Presidente, sr. Getúlio Vargas, tem um filho chamado Lutero. Na família Vargas, Lutero teria sido ensinado a chamar o Presidente de Papai. Quando precisasse de qualquer coisa, na hora do jantar, não diria: «Ó Presidente de todo o Brasil». No caso de pedir alguma coisa difícil, Lutero seria capaz de fazer seu pai lembrar-se de que era Presidente do Brasil.

Além da questão dum título apropriado, temos explicado que o uso indiscriminado do mesmo nome para duas pessoas confunde os ouvintes. A razão, em parte, da confusão é que os crentes não se acostumam a orar em casa particular ao Pai celestial e o Senhor Jesus, separadamente. Cantamos: «Preciosas são as horas na presença de Jesus», mas não passamos as «preciosas horas» assim. Seria bom se os crentes pudessem cantar verdadeiramente: «Preciosos os minutos na presença de Jesus» cada dia. Estudando nosso hinário, observamos como alguns hinos são dirigidos a Deus o Pai e outros ao Senhor Jesus, sem confundir as Pessoas. Estes hinos são orações. Nos hinos escritos na terceira pessoa (gramaticamente) também seus autores não confundem as Pessoas da Trindade.

Pergunta 4. A significação da palavra «batismo» em Lucas 12:50.

Resposta. A palavra neste versículo não se refere ao rito cristão, mas é empregada no sentido comum de mergulhar. No Comentário Elliott, o Dr. Plumptre dá esta explicação:—

«O batismo mencionado aqui, pelo Senhor, refere-se a alguém que se mergulha nas águas profundas, de

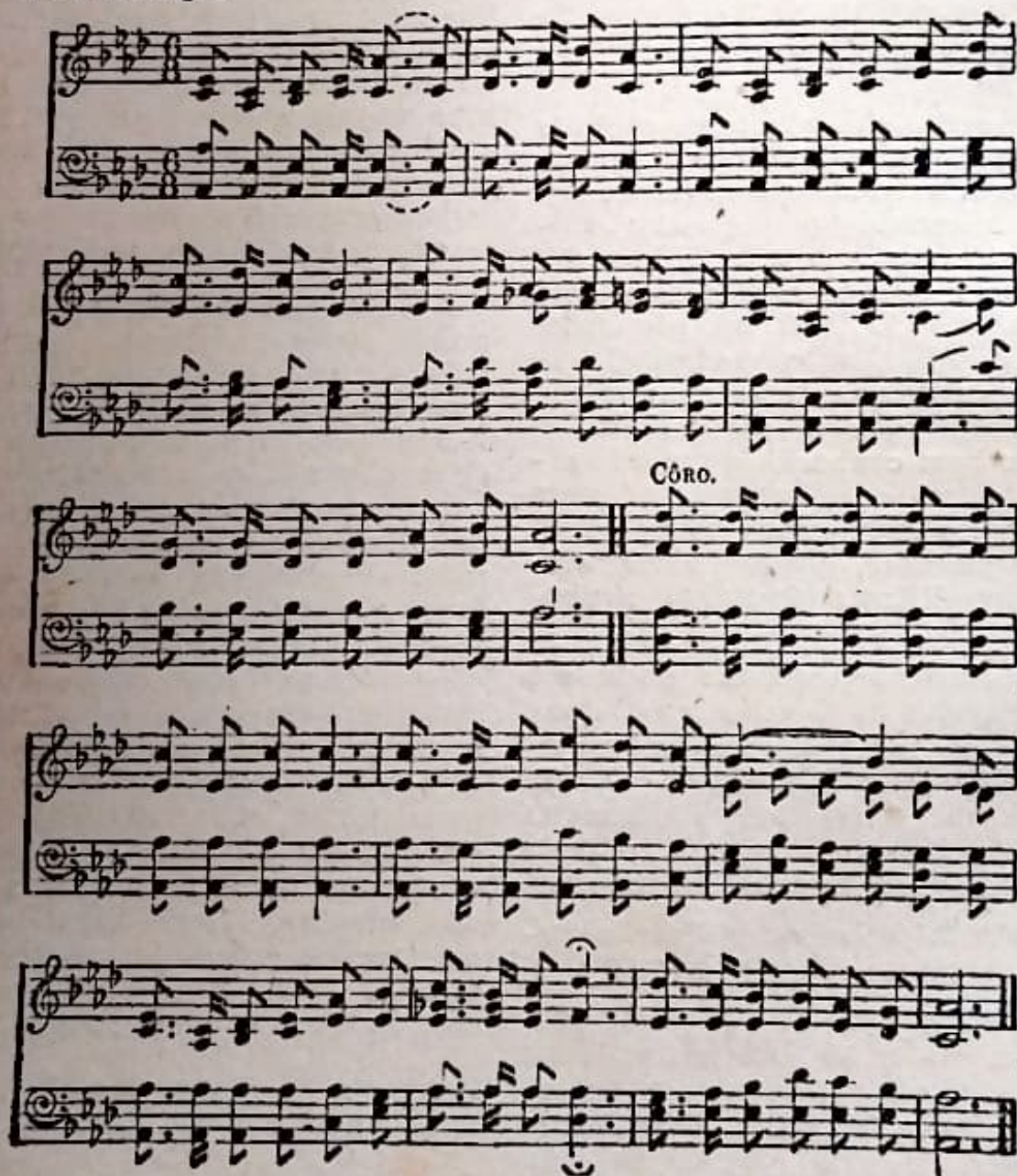
tal maneira que sôbre a cabeça pas-
sam as ondas de grande tristeza».

(E' uma figura do Salmo 42:7 e de
Jonas 2:3.)

Breve Jesus Voltará!

Letra: W. Anglin

Música: J. Mc Granahan



Nosso Senhor promete voltar,
Todos os Seus redimidos levar,
Glorificados, a Seu santo lar—
Breve Jesus voltará.

Côro: Breve Jesus voltará, voltará,
Breve Jesus voltará;
Esta notícia deveis proclamar:
Breve Jesus voltará (Jesus voltará).

Breve Jesus para nós voltará,
Crentes já mortos ressuscitará,

Vivos e mortos os transformará—
Breve Jesus voltará.

Quando Jesus voltar para os Seus
Para levá-los daqui para os Céus,
Habitarão lá na glória de Deus—
Breve Jesus voltará.

Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W.
Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade